

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO FATOR SOCIAL E SUA ABORDAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

MIRANDA, Adriany Oliveira de¹

FURLAN, Michele Ester de Moura Campos²

1

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar a diversidade linguística como fator social e a sua abordagem no livro didático intitulado: *Novas Palavras – 1º ano do Ensino Médio*, de Emília Amaral. Esta pesquisa fundamenta-se nas ideias dos linguistas William Labov e Marcos Bagno, abrangendo o fenômeno linguístico como componente inerente às comunidades e o associando a questões sociais, como o preconceito linguístico, e relata a importância de inserir este conteúdo no material escolar. Ademais, esta pesquisa apresenta a abordagem da variedade linguística no *corpus* de pesquisa e evidencia a supremacia da norma padrão em relação às variações linguísticas da esfera coloquial, no que diz respeito à língua falada.

Palavras-chave: Variação linguística; Preconceito linguístico; Livro didático.

ABSTRACT: The present work seeks to analyze linguistic diversity as a social factor and its approach in the didactic book titled: *Novas Palavras – 1º ano do Ensino Médio*. This research is based on the ideas of the linguists William Labov and Marcos Bagno, covering the linguistic phenomenon as an inherent component of the communities and associating it with social issues, such as linguistic prejudice, and reports the importance of inserting this content into the material school. Therefore, this research presents the linguistic variety and evidences the supremacy of the standard norm in relation to the linguistic variations of the colloquial sphere, about to the spoken language.

Key words: Linguistic variation; Linguistic prejudice; Didactic book.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT.

² Orientadora Prof. Me. Fábio Bernardo da Silva

INTRODUÇÃO

É importante que a formação educacional abranja a temática das variações linguísticas, pois o espaço escolar, em sua totalidade, não é apenas um lugar onde os estudantes adquirem conhecimento científico e sistematizado, mas um ambiente onde convivem com pessoas diferentes umas das outras. É uma situação que implica a interação entre indivíduos com costumes, comportamentos e pensamentos distintos. Ou seja, são alunos que convivem ou conviveram em diferentes contextos, seja familiar ou social. Essa variedade do meio onde habitam, influencia essencialmente na comunicação. No que se refere à fala, as diferenças também estão presentes e não são poucas, principalmente quando se trata de um país com vasta pluralidade cultural como o Brasil. Em uma sala de aula, por exemplo, provavelmente haverá pessoas de diversas localidades, seja professor ou aluno.

Pensando nisso, nota-se uma possibilidade interessante a ser considerada, a importância de serem representadas no livro didático as variações linguísticas presentes no cotidiano dos alunos. Reflete, nessa ideia, a representatividade dos regionalismos e das diversidades linguísticas e, conseqüentemente, um estudo que engloba discutir o respeito às culturas e diferenças sociais, isto é, trabalhar a fundo o preconceito linguístico, que é usualmente causado pela falta de informação a respeito da variedade da língua. Variedade que pode, inclusive, se manifestar de três formas: diastráticas, diatópicas e diafásicas.

Nosso país é de pluralidade cultural, logo, a língua também possui formas variadas. Considerando este fator, é válido acrescentar que, muitas vezes, determinadas variações linguísticas são alvos de preconceito nas escolas. Não se trata de uma característica única do meio escolar, mas por considerar que os estudantes estão em fase de desenvolvimento, as ideias podem ser desconstruídas ao longo do processo de aprendizagem.

Por isso, o ambiente escolar como principal meio de aprendizagem para os indivíduos, tem o importante papel não apenas de possibilitar o conhecimento, mas refletir sobre questões que acrescentem em seus princípios morais uma bagagem cultural e de respeito às particularidades de cada pessoa. Tais pontos são essenciais

para a formação básica e, certamente, vão além dos conhecimentos sistematizados aprendidos em sala de aula.

Para Bagno (2007), muitas vezes, o ensino da Língua Portuguesa nas escolas ocorre de forma homogênea e complexa, dificultando a compreensão e interesse por parte dos alunos. Trazer para a rotina escolar dos estudantes as características linguísticas presentes em seu cotidiano pode favorecer significativamente o processo de aprendizagem. Em vista disso, é possível afirmar que a presença dos estudos sobre variação linguística nos livros didáticos pode influenciar positivamente a construção do conhecimento nas aulas de Língua Portuguesa, tornando o conteúdo mais flexível e próximo da realidade dos alunos e até mesmo dos professores.

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo, com o intuito de relacionar variáveis. Tendo como fonte material impresso, periódicos e trabalhos científicos, a fim de analisar o parecer em diversificadas formas acerca de um problema. (GIL, 2009).

Para a seleção dos materiais utilizados para o referido trabalho foi considerada a influência dos pesquisadores para o tema estudado. Assim como, a importância das suas pesquisas para o estudo da variação linguística. Entre estes autores foram selecionados para a pesquisa Labov (2008) e Bagno (2007), que contribuem com ideias indispensáveis para a fundamentação acerca da pesquisa.

1 LÍNGUA E SOCIEDADE: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO FATOR SOCIAL

1.1 LINGUAGEM E LÍNGUA

A linguagem e a língua são aspectos distintos de um mesmo sistema e, muitas vezes, são resumidas à mesma coisa. Diante disso é importante destacar que cada item possui sua função dentro do processo de comunicação e que são aspectos diferentes.

Para Saussure (1975) “a linguagem é de natureza heterogênea, (...) pertence ao domínio individual e social” (p. 17-22), podendo ser verbal (língua) e não verbal (linguagem). A primeira se caracteriza de forma oral ou escrita: carta, ofício ou palestra. Já a segunda pode ser definida por símbolos ou sinais em forma de

desenhos e figuras. Dito de forma diferente é outra modalidade que serve como ponte para a comunicação sem o uso de palavras: sinalizações de trânsito, bandeiras e cartões nos jogos de futebol e mímica.

Além dos tipos de linguagem, há os níveis de linguagem, que são o culto e o coloquial. A linguagem culta é o emprego de palavras rebuscadas e o uso da língua portuguesa de acordo com as normas gramaticais, enquanto o nível de linguagem coloquial representa o modo como falamos em nosso cotidiano, de forma descontraída e espontânea.

Segundo Langacker (1972) “uma das características principais do uso da linguagem é sua criatividade, sua liberdade de não ser controlada na base de atividades linguísticas prévias do falante.” (p 29). Já a língua “é um aspecto da linguagem. Trata-se de um sistema de natureza gramatical, pertencente a um grupo de indivíduos, formado por um conjunto de sinais (as palavras) e por um conjunto de regras para a combinação destes.” (TERRA, 1997, p. 13).

A linguagem, de acordo com Terra (1997) é “todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação.” (p. 12). Há também a colocação de Perini (2010) acerca da linguagem como algo que também se aplica a outras formas de comunicação, “que normalmente não são chamados línguas, como o sistema de sinais de trânsito e a linguagem das abelhas.” (p. 2). Mas é importante considerar que o contexto presente aqui é voltado à interação humana, tendo em vista que a linguagem humana é distinta do que é chamado de linguagem dos animais, pois esta é mecânica e hereditária (TERRA, 1997), enquanto aquela é provida de inovação e transformações.

O conjunto destes aspectos (linguagem e língua) forma, por fim, o sistema denominado comunicação, que é, de acordo com Klein (2014), “o processo dinâmico pelo qual uma mensagem, seja por palavras ou sinais, é compreendida.” (p. 9).

Geralmente as pessoas interagem através da comunicação verbal - que se subdivide entre oral e escrita – e a comunicação não verbal. Entretanto, o principal meio de transmitir mensagens é pela oralidade, como por exemplo, em palestras, nos debates formais entre duas pessoas ou em grupo, entre outros.

A comunicação é um ato complexo, ela se caracteriza por um ato espontâneo e natural no ser humano, que se comunica desde o momento em que começa a viver (SACCHET, WOLKMANN e TONI, 2004). O processo de comunicação nos ajuda a

compreender diferentes situações e contextos que exigem uma percepção e interpretação daquilo que é necessário ser transmitido.

1.2 LÍNGUA E SOCIEDADE: UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR

5

Conforme é sabido, a língua é, resumidamente, a linguagem feita através da palavra e está constantemente presente nas relações sociais. Mas o que é sociedade? De forma ampla, sociedade é “todo complexo de relações do homem com seus semelhantes.” (BONAVIDES, 2000, p. 63).

Analisando deste ponto, é possível perceber o caráter social da escola, como sendo uma comunidade onde indivíduos de todas as formas possíveis convivem por determinados períodos. Nesta situação, as pessoas envolvidas compartilham conhecimentos de esferas que transcendem o conteúdo científico padrão da escola, pois estão expostas a novas culturas, linguagens, etnias, comportamentos, entre muitos outros aspectos que se chocam na interação humana.

De igual modo, no que tange às diferenças presentes na escola, existe aquela que separa os grupos de quem têm a oportunidade de acesso e aqueles que estão fora. Geralmente, o grupo dos que estão fora do ambiente escolar é composto por aqueles que, devido a sua condição social precisam escolher entre trabalhar ou estudar. Na realidade, muitos têm o trabalho como única opção, situação em que o acesso à educação passa a ser visto como “luxo”.

É inegável que essa realidade está presente no Brasil, pois de acordo com um estudo realizado pelo Instituto Unibanco (AGUIAR, 2017, p.1) há no nosso país “1,3 milhão de jovens entre 15 e 17 anos que deixaram a escola sem concluir os estudos” e uma das causas que levam à evasão escolar é “o ingresso no mundo do trabalho”. Considerando essa situação, fica claro que muitos jovens permanecem à margem da sociedade no que diz respeito, principalmente, ao acesso à educação.

Decorrente da falta de acesso aos estudos, esses jovens ficam expostos à exclusão social e ao preconceito, sobretudo, linguístico. A língua, sendo um fator social, “não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 1975, p. 22). Além disso:

[...] qualquer sociedade minimamente complexa só pode funcionar, e mesmo surgir, através do uso intensivo da linguagem. A sociedade funciona através da cooperação e/ou conflito entre os homens, e a linguagem medeia esses processos de maneira crucial. (PERINI, 2010, p.2).

Ou seja, língua e linguagem existem e funcionam de acordo com a comunidade e suas necessidades, e aqueles que não participam ativamente da escola desenvolverão este processo de forma diferente.

Assim, a linguagem consiste na capacidade dos seres humanos de expressar sentimentos, transmitir informações ou opiniões, facilitando a comunicação entre pessoas de diferentes tradições e localidades. Portanto, a importância de articular as diferentes formas presentes na manifestação da linguagem dentro da escola é ímpar.

Diante disso, a Linguística é a ciência cujo objeto de estudo é a língua, e aqueles que pesquisam nesta área são denominados linguistas, pois decorrem da concepção de língua como código, cuja função é a interação humana. A linguagem age no contexto social, pois língua e linguagem são concebidas como atividades interativas, como forma de ação social.

A sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda língua e sociedade como fatores conjuntos, além de abranger toda a variedade presente na língua, as quais devem ser estudadas e explicadas (MC-CLEARY, 2009). Ou seja, é a área que investiga o fenômeno linguístico, levando em consideração aspectos cultural e social.

Desta forma, a sociolinguística busca dados analisando a relação entre língua e sociedade, portanto, é impreterível falar de William Labov e sua teoria variacionista. De acordo com Labov (2008), o objeto da sociolinguística é a língua, sendo um instrumento da comunicação, a qual projeta a cultura de um povo. Normalmente, somente pela língua, pelo modo, sotaque ou escolha vocabular, é possível deduzir a que grupo social ou a que região determinado indivíduo pertence, sendo um fato social, por isso seus estudos são desenvolvidos no ambiente social, pois sua pesquisa prescinde do funcionamento social da língua.

Em 1963, William Labov começa a desenvolver seus trabalhos sobre a Sociolinguística, analisando a língua como um veículo de comunicação, informação e expressão entre os indivíduos. Para Tarallo (2007), Labov insiste na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. A Sociolinguística considera em seus estudos a

língua falada e suas variações; pois Variantes linguísticas são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2007).

Segundo Saussure (1975), pai da Linguística Geral, “a língua é um produto social da linguagem, constitui algo adquirido e convencional, compõe-se de um sistema de signos aceitos por uma comunidade linguística.” (p. 17-22). A língua, por sua vez, é um conjunto específico de códigos e palavras diversas, com regras e leis, as quais permitem que a mensagem seja passada de maneira compreensível. Podemos citar como exemplo as línguas: portuguesa, inglesa, russa, chinesa, entre outras na modalidade oral-auditiva. Além disso, há aquelas visuo-espaciais, como a Libras (Língua Brasileira de Sinais), ASL (*American Sign Language*), entre outras.

Para Saussure (1975) a língua é um fator social, especificamente, “é a parte social da linguagem”. (p. 22). Ainda de acordo com o autor, a língua originou-se pela necessidade da interação social, sendo esta “exterior ao indivíduo”. Isto é, a língua supre a carência de comunicação entre os componentes do meio social. “A relação entre língua e linguagem é que uma “língua” constitui uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana da “linguagem”” (PERINI, 2010, p.2).

Faz-se, portanto, pertinente que tenhamos o conhecimento de como esta língua funciona no cotidiano, pois “o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento” (SAUSSURE, 1975 p. 22).

Sabe-se que há níveis de linguagem (como a linguagem formal e a coloquial) que podem ser aplicados no procedimento de comunicação de acordo com o seu contexto. Porém, quando se trata de variação linguística no que se refere ao regionalismo, a abordagem torna-se mais ampla. Isso porque uma das características da variação é a funcionalidade, pois “o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas.” (PEREZ, 2017, p. 1).

Segundo as necessidades comunicativas, visando tais rearranjos, logo se chega à ideia de que são infinitas as variações existentes, pois a língua é manifestada de diferentes formas de uma região para outra e, muitas vezes, essa pluralidade está presente dentro de uma única região, pois “existem tantos dialetos quanto localidades.” (SAUSSURE, 1975, p. 233). Além da variação entre regiões (diatópica),

tem-se também variações sociais (diastráticas) e de estilo (diafásicas), todas em convivência na língua.

Para Bagno (2007) “a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira língua estrangeira” (p. 19), acrescenta também, que o ensino da Língua Portuguesa é, com prioridade, dedicado ao estudo e ao desenvolvimento da norma culta, pois é praticado a partir de uma visão unificada da língua. Esta condição tem como consequência a supervalorização da regra padrão, que além de reverenciada, é pouco acessível para grande parte das pessoas. Ademais, a supremacia acerca da unidade padronizada em detrimento das variações presentes na língua é prejudicial aos falantes.

Muitas vezes, o estudo da Língua Portuguesa acontece de maneira mecânica, pois não é considerada nas escolas a espontaneidade da comunicação realizada com base nas variações linguísticas, sendo que alguns alunos sofrem exclusão, devido a sua maneira “diferente” de falar.

Muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é um língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produzem uma prática de mutilação cultural [...] (BRASIL, 2000, p. 31).

Em diversas regiões do Brasil a educação continua sendo um privilégio de pouca gente. Para Bagno (2007, p. 16) esta situação é a “trágica injustiça social” que causa os conflitos entre a língua culta e a fala coloquial.

São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (BAGNO, 2007, p. 16).

Segundo Darcy Ribeiro (1995), apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra, pois falamos

“uma mesma língua, sem dialetos”. Não há lógica em afirmar que somos um povo linguisticamente homogêneo, basta observar os registros escritos antigamente. É possível refletir de acordo com Martinet (1971) que “para se convencer de que as línguas mudam com o tempo, bastará a um português percorrer [...] as obras de Bernardim Ribeiro ou João de Barros.” (p. 177). Apesar do autor referenciar nomes da literatura portuguesa, a pluralidade presente na língua também é uma realidade do Brasil. Os PCN’s pautam que:

9

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades [...] Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades lingüística, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla lingüística. (BRASIL, 2000, p. 29).

Nas palavras de Saussure (1975) “a colonização [...] transporta um idioma para meios diferentes, o que acarreta transformações nesse idioma.” (p. 29). A língua pode ser um fator político, porém seu espaço se estende à responsabilidade das políticas públicas acerca da disponibilização da educação, que permite a todos uma aprendizagem justa e acessível. Diante disso, o estudo da língua engloba fatores sociolinguísticos com ênfase ao elo existente entre língua e sociedade.

Como principal meio de comunicação, a língua é capaz de transmitir informações que superam os vocábulos pronunciados, pois:

É na língua que se apresentam refletidas as representações e construções de uma sociedade. É pela língua que se dão as relações de poder e dominação, os consensos, as discórdias, as transmissões culturais. Assim como é pela língua que o sujeito constrói seu lugar na sociedade, também é através dela que é excluído. (SOUZA; PAUTZ, 2017, p. 1).

A língua inserida no campo social abre espaço para um problema muito presente no Brasil: a exclusão. Quando Souza e Pautz (2017) mencionam que pela língua o indivíduo é inserido ou excluído da sociedade, nos remete diretamente ao preconceito linguístico em que as variações linguísticas menos prestigiadas vêm sofrendo até os dias atuais. Isso ocorre porque, antigamente, o acesso à leitura e

erudição era limitado a pessoas de alto poder aquisitivo, sendo que quando uma variedade é manifestada na fala, logo é associada, principalmente, à falta de cultura e instrução.

É evidente que não se trata da falta de cultura, pois a marginalização ocorre porque a variação é uma realidade, principalmente, dos indivíduos de poucas condições financeiras e de estudo, logo são postos à margem daqueles que falam “corretamente”.

10

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar (BAGNO, 2007, p. 69-70).

A partir disso, utiliza-se dos meios da sociolinguística para explorar a variedade linguística em suas possibilidades, pois esta área, de acordo com Barros e Candido, (2015, p.1) “tem como objeto de estudo a língua falada, cujo falante é um ser social, pertencente a uma determinada comunidade e que se comunica de um jeito próprio.”

1.3 VARIAÇÃO/DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

A variação linguística é o aspecto que possibilita à língua diversificadas formas. É um fenômeno que ocorre de acordo com alguns fatores como o geográfico (variações diatópicas), diferença social (variações diastráticas), contexto comunicativo ou de estilo (variações diafásicas) e histórico. A variação linguística, quando citada, é geralmente relacionada de maneira superficial às características que concernem somente à língua. Porém, esta diversidade é um reflexo de contextos que vão além da fala, que abrangem questões sociais e culturais. Partindo disto é válido considerar que a Língua Portuguesa, sendo viva e constante, faz parte do conjunto de transformações acerca da vida humana.

Dentre as diversas formas de variação da língua há aquelas que se distanciam de maneira considerável da norma padrão, pois se altera palavras, sotaques,

contexto, entre outras características. Estas mudanças no falar, em comparação à norma culta, são vistas como erro e, conseqüentemente, são diminuídas a “desvio da norma padrão.” (SANTANA; NEVES, 2015, p. 16).

Mas o que é norma culta ou padrão? Como o próprio nome sugere, a norma padrão é o conjunto de regras que conduz a aplicação da língua de maneira uniforme e rebuscada. Para Terra (1997) é “o nível de fala utilizado pelas pessoas escolarizadas em situações formais” (p. 65) e complementa que se trata de “um cuidado maior com o vocabulário e com as regras de utilização da língua”. Esta é a forma como as pessoas falam, geralmente, em um seminário, palestra, audiência, etc. O que deve indicar se o adequado é norma culta ou diversidade linguística, consiste no contexto em que o indivíduo deseja se comunicar.

Assim como a norma culta, a norma popular também tem espaço no cotidiano das pessoas. Esta, na verdade, é constante na rotina de muitos. Isso acontece porque nesta modalidade de língua não há preocupação com o que é considerado correto ou não, pois a comunicação é feita de forma informal, natural e, automaticamente, espontânea. (TERRA, 1997).

Adentrando as transformações presentes na língua, é interessante ressaltar alguns pontos que influenciam neste fenômeno de variações. São os fatores históricos e regionais.

Os rastros históricos na diversidade linguística podem ser vistos, a princípio, em uma breve observação do português falado no Brasil e o português de Portugal. É de conhecimento geral que ainda há semelhanças entre o português que falamos aqui e o que é falado por lá, mas as diferenças chamam um pouco mais de atenção aqui. De acordo com Terra (1997, p. 50) “o nosso vocabulário contém inúmeras palavras que não existem em Portugal.” São palavras de raiz africana e indígena, como por exemplo, a maloca. E o autor complementa que tais termos que são “muito comuns para nós, não são tão comuns para os portugueses, uma vez que a língua falada por eles, por razões históricas” não carregam bagagem indígena ou africana.

Em meados de 1654 houve no Brasil uma coexistência de línguas indígenas, holandês e português, tendo em vista que o Brasil era, então, colônia de Portugal. (GUIMARÃES, 2005). Ainda de acordo com o mesmo autor, apesar de nesse período a língua portuguesa estar restrita ao conjunto de administração da colônia, em 1080 os papéis são invertidos e, sem a presença dos holandeses, o português de Portugal

tornou-se presente, assim como as línguas indígenas e africanas. O resumo destes acontecimentos reflete num extenso contexto histórico que, ao passar dos anos, influenciou a moldura da língua portuguesa brasileira utilizada atualmente.

Consequente de acontecimentos históricos, a variação diatópica ou regionalismo consiste na modificação da fala e sotaque presente na língua, de acordo com as regiões. No Brasil é possível identificar este fenômeno com facilidade, pois é um país de muitas culturas e bagagem histórica, o que implica e se divide nos espaços geográficos. “Num mesmo estado, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um cidadão que vive na capital e a empregada pelo habitante da zona rural.” (TERRA, 1997, p. 61).

Um exemplo para compreender essa transformação que ocorre na língua em diferentes lugares do país são os nomes utilizados para referenciar um único alimento: Manihot esculenta. Talvez pareça estranho, mas se trata de uma planta bem conhecida, que em alguns lugares é chamada de mandioca, aipim ou macaxeira. Estas variedades são utilizadas nas regiões sul e sudeste, e norte ou nordeste, respectivamente.

No Rio de Janeiro é possível encontrar alguém que chame a mandioca de aipim, por exemplo, mas nessa região este termo não é utilizado de forma predominante como no norte ou nordeste, e acaba não sendo característico dos cariocas. Além desta diferença na nomenclatura variante das áreas geográficas, há uma infinidade de variações na língua que diferem as regiões, e uma delas é o sotaque.

Se dizer *Cráudia, praça, pranta* é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer *frouxo, escravo, branco, praga* é considerado “certo”, isso se deve simplesmente de uma questão que não é linguística, mas *social e política* – as pessoas que dizem *Cráudia, praça, pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal [...] e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas *diferente* da língua ensinada na escola.” (BAGNO, 2007, p. 41. Grifo do autor).

Na cidade de Cuiabá – Mato Grosso (região Centro-Oeste), é comum que algumas pessoas troquem o “L” pelo “R”, como em bicicleta (bicicreta), placa (praca) e plástico (prástico) devido a influência do período colonial, pois é devido aos arcaísmos

portugueses que ocorre a troca da letra “L” pelo “R” (G1, 2013). E, apesar de tais características estarem englobadas nas variações diatópicas, não partem apenas de uma questão territorial, mas, principalmente, de fatores históricos já citados anteriormente.

2 A IMPORTÂNCIA DO DEBATE EM SALA DE AULA ACERCA DA VARIEDADE LINGUÍSTICA

O Brasil é um país com grande desigualdade social, sabe-se que a supervalorização e a depreciação de determinadas culturas são práticas comuns em nosso cotidiano. Essa comparação de realidades engloba também o modo de falar das pessoas, em que alguns julgam como correto ou incorreto, sendo que as pessoas que falam de “maneira incorreta” sofrem com o preconceito linguístico e, conseqüentemente, a exclusão social.

A variação linguística existe em todas as regiões do Brasil, como por exemplo, em alguns lugares usam a palavra macaxeira, aipim ou mandioca, as três referem-se ao mesmo alimento, mas possuem variedades de acordo com o falar da região. A variação, além de marcar, uma determinada região, também exerce a função de retomar as origens e histórias de um povo. Essa característica dá-se pelo fato de que em algumas localidades a fala é originada de um misto de variações linguísticas, que se mesclam e dão espaço a um modo característico de realizar a comunicação oral.

Retomando as palavras de Saussure (1975) quando afirma que a colonização modifica idiomas, vale refletirmos que desde o início da colonização do nosso país os índios sofrem com a exploração dos portugueses, não somente em relação à mão de obra barata, mas também na imposição da língua portuguesa sobre as línguas indígenas existentes no território brasileiro.

De acordo com Mariani (2004), colonização nos remete à “coexistência de povos com suas histórias e línguas distintas em um dado momento histórico” (p. 9), e o ato de colonizar se baseia em momentos de tensões e confrontos em uma relação entre as diferentes culturas. Por isso alguns linguístas, como Mariani (2004), afirmam que a partir do século XV, juntamente com a colonização do Brasil, temos a colonização linguística, sendo um processo de encontro de línguas constituídas por

povos com memórias, histórias e políticas diferentes, em que a língua colonizadora impõe-se sobre a língua colonizada, configurando uma situação de dominação linguística.

Diante disso, esta variação linguística, presente desde os primórdios da ocupação territorial, reflete muito além da maneira de falar de uma comunidade, pois abrange aspectos culturais e históricos de um povo.

A língua é dinâmica e passa por transformações frequentemente, como, por exemplo, o pronome de tratamento “você”, que passou por muitas modificações ao longo do tempo. Antigamente, as pessoas falavam: Vossa Mercê, vossemecê, vosmecê, e estas formas entraram em desuso. Atualmente, utiliza-se o você, ocê, cê e vc em que o primeiro pronome seria a norma padrão do português, e a segunda a maneira informal da fala. Deste modo, discorrer sobre as possibilidades de uso da língua portuguesa no espaço escolar é de extrema importância. Essa necessidade deve-se, principalmente, ao fato de que nossa língua não é trabalhada de forma abrangente nas escolas e, determinados conteúdos, de maneira tradicional (BAGNO, 2007). Conforme afirma Possenti (1996) este tradicionalismo parte do “princípio (quase evidente) de que *o objetivo da escola é ensinar o português padrão*, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido (grifo do autor).” (p. 17).

É relevante levar em consideração que a escola, tendo o papel de proporcionar experiências e conhecimento a seus alunos, quando inclui em suas práticas pedagógicas temas que se interconectam com o conteúdo padrão, tem a possibilidade de exercer esta tarefa com êxito e ir além do que é proposto, porque:

a consideração da modalidade linguística que o educando traz de casa, é essencial, já que a democracia e a liberdade de expressão devem acontecer desde o espaço escolar e, porque por meio dessa linguagem é possível estabelecer a comunicação. (SOUZA; PAUTZ, 2017, p.2).

Consequentemente, a escola, que é o espaço físico onde o aluno crescerá e passará parte de seu tempo, é o principal local para se trabalhar com conteúdos que abranjam o preconceito em todos os âmbitos, considerando, ainda, que eles estão em fase de desenvolvimento, e debater estes assuntos só tem a acrescentar em sua formação escolar e pessoal.

A língua portuguesa está em constante mudança. Portanto, é de grande relevância que sejam consideradas as suas variações. Quando se refere aos livros didáticos é inevitável associá-los a materiais padronizados de acordo com a norma culta. Entretanto, é indispensável refletir sobre a aplicação da linguagem no livro didático, pois este “é um instrumento, que traz consigo marcas contextuais e características específicas, - que vão desde seus pressupostos teóricos às crenças e métodos – devendo ser escolhido e utilizados conforme a realidade da escola.”. (ANDRADE; STORTO, 2016, p.5).

De maneira geral, a recomendação pedagógica é que o livro didático deve ser escolhido de acordo com a realidade da escola, que conseqüentemente abrange a realidade de seus alunos, portanto é plausível que sejam consideradas as variantes linguísticas no material. Estas considerações são relevantes porque colocam em prática a representatividade do público educacional que utilizará este material. Sendo assim, o livro didático deveria representar o ambiente escolar da comunidade envolvida, com suas particularidades de fala, costumes, culturas e aspectos históricos (MARTINS; GOUVÊA; VILANOVA, 2012).

Além da representatividade, trabalhar a diversificação da língua com o auxílio de recursos didáticos pode melhorar a compreensão dos alunos quanto às variedades encontradas na língua, de modo que estas e seus falantes não sejam excluídos socialmente, pois a partir desse contato com outras formas da língua torna-se maior a compreensão acerca do que é considerado como “erro” na fala.

Segundo Andrade e Storto (2016), o livro didático é de extrema importância para o contexto real da educação nacional. Através desse conjunto de fatores é possível afirmar que o material didático, no que concerne aos livros, é mecânico e, possivelmente, insatisfatório, pois não corresponde completamente às vivências reais dos indivíduos na escola. Além disso, não inclui em sua composição as características linguísticas regionais de forma suficientemente inclusiva, já que estes conteúdos são abordados, geralmente, somente em livros de Português e Geografia por meio de exercícios e, poucas vezes, com discussão e reflexão.

Analisando a variedade linguística como parte essencial na construção do conhecimento das pessoas, nota-se com maior evidência o quão importante é abordar este assunto no contexto escolar, principalmente com o apoio do material didático. A flexibilidade da língua e suas possibilidades de uso são temas que precisam ser

discutidos em sala de aula. Assim sendo, é indispensável que a língua falada seja estudada de maneira mais ampla, pois:

ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2007, p.15).

16

Certamente, isso não significa que a norma coloquial deve substituir a culta, porém a versatilidade comunicativa deve ser levada em consideração, pois essas diferenças variam de uma região para outra, dentro das próprias regiões e assim por diante. Marginalizar ou excluir uma ou mais variações lingüísticas, tendo como modelo a norma padrão é um equívoco que desaprecia também a cultura incluída nas falas regionais das pessoas em toda a parte do nosso país.

Souza e Pautz (2017, p.2) destacam que “com respeito pela linguagem do aluno, é possível levá-lo a aprimorar-se da variedade lingüística valorizada socialmente” e ainda acrescentam que isso “possibilitará a ele a adequação de uso da linguagem às diversas situações sociais em que precise se manifestar.”

Todo indivíduo possui uma liberdade individual para exercer a atividade de fala, e esta liberdade pode interferir no uso lingüístico. É por meio da observação do uso lingüístico que podemos analisar as modificações deste uso, decorrentes das atividades de fala que ao longo do tempo podem modificar este uso. Ao analisar a língua podemos perceber que estas modificações foram ocasionadas por fatores gerais e individuais, pois sempre há modificações, em menor ou maior grau, e isso acontece de maneira espontânea pelo indivíduo e pelas influências recebidas dos outros indivíduos.

De acordo com Paul (1983), a variedade da língua das pessoas caracteriza uma cisão lingüística que consiste nas diferenças individuais das atividades de fala dos indivíduos. Cada organismo ao nascer possui as influências de seus pais, fortemente marcada em sua vida e a influência do meio, ou seja, o modo de vida, as pessoas, etc. Diante disso, a língua de um indivíduo é criada a partir da sua herança lingüística (influenciada pelos pais) e da sua convivência com outras pessoas e estas influências estão em contato constante com o indivíduo e influenciam sua atividade de fala durante toda a sua vida.

A modificação do uso da língua cria as diferenças dialetais em uma mesma língua, ou seja, as atividades de fala individual influenciam a cisão dos dialetos, e esta modificação acontece pela influência individual de cada ser humano e pelas relações de convívio que este indivíduo possui.

No caso das variações do português podemos nos remeter à colonização do Brasil em que os portugueses chegaram às terras brasileiras e houve a imposição da língua portuguesa em detrimento das diversas línguas indígenas existentes.

Nesta perspectiva, quando se trata das variações em língua portuguesa, estamos tratando de assuntos que vão além da fala e da comunicação entre indivíduos, mas dos costumes e vivências, bem como a condição social e as oportunidades que lhe são concedidas.

17

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do capítulo 1 dos assuntos referentes à gramática há um pequeno texto humorístico em forma de diálogo, numa ocasião em que se encontram um engenheiro e um caboclo.

“Um caboclo, vendo uma movimentação de homens e equipamentos perto do sitiozinho onde ele morava, vai até lá e pergunta a um deles:

– Cum licença, moço, o que oceis tá fazeno?

– Aqui vai passar uma rodovia – responde o homem – e nós somos os engenheiros e técnicos. Com esses equipamentos nós vamos definir por onde a estrada vai passar.

– Oia, moço, o senhor vai disculpá, mais aqui no sertão nós faiz estrada de otro jeito. Nós pega uma mula e sorta ela. Onde ela passa... aí é o mió lugá de abri a estrada. Num tem erro!

O engenheiro, achando graça na simplicidade do capiau, diz sorrindo:

– É mesmo? Não me diga! Mas... e se vocês não tiverem uma mula?

E o caipira:

– Ué... aí nós quebra o gaio com uns engenheiro...” (AMARAL, 2013, p.160-161).

Percebe-se na pequena conversa que o narrador pode ser da região sudeste, pois, em determinado momento, foi utilizada a palavra “capiáu”. “Capiáu”, de acordo com o Dicionário do Aurélio (FERREIRA, 2010) é o termo utilizado para se referir aquele que mora no campo, podendo ser considerado como simples, rústico ou de pouca instrução.

18

Além disso, o termo também é utilizado em algumas regiões para se referir aos caipiras, sobretudo no estado de Minas Gerais. Esta expressão que define um indivíduo de determinada classe social é regionalista e pode abrir espaço para discussão a respeito das características que o acompanham, como aspectos culturais e linguísticos do falante.

Ter essa variante linguística presente no livro didático utilizado nas aulas de língua portuguesa auxilia os professores na abordagem do assunto, assim como retrata documentalmente a realidade de muitos brasileiros. Não se trata de uma expressão que compreende toda a população brasileira, mas apresenta uma das variedades existente em nosso país e que propicia ao professor refletir sobre a funcionalidade da língua, alertando que “o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o *quê*. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social.” (BAGNO, 2007, p. 43. Grifo do autor).

A linguagem do caboclo é simples e muito diferente da utilizada pelo narrador e pelo personagem engenheiro, mas como a própria explicação do texto contida no livro, ambos os personagens são capazes de compreender um ao outro: “[...] o caboclo da historinha sabe – e muito bem – falar português, tanto é que ele conversou com o engenheiro e os dois se entenderam perfeitamente.” (AMARAL, 2013, p. 161). A partir disso, fica claro entender que se a comunicação é bem sucedida, não há nada de errado, lembrando que isso se aplica no que diz respeito à fala. A especificação no próprio livro a respeito da comunicação e versatilidade da língua é compreensível e objetiva, e possibilita aos alunos entender o conteúdo da variação linguística presente nesta história, mesmo que exposta brevemente, tem uma entrada bem sucedida nos estudos gramaticais.

Apesar de uma única variação ter uma proporção pequena para todo o livro didático, é possível, a partir dela, abrir oportunidade para discussões sobre a oralidade e a funcionalidade da língua, além de debater com os alunos o preconceito

linguístico que julga o falar do outro, como a autora expõe no comentário concernente ao diálogo:

[...] qual dos dois personagens dessa piadinha fala bem português e domina a gramática? Perguntando de outra forma: qual deles você acha que fala “certo” ou “errado”? Se fizéssemos essas perguntas a diferentes falantes do português, quase todos afirmariam que só o engenheiro sabe o idioma [...]. Haveria até opiniões preconceituosas, tais como “Ele fala de um jeito feio”. (AMARAL, 2013, p.161).

19

O linguista Marcos Bagno aborda, inclusive, uma questão que explica muito bem “tais comentários preconceituosos” dos quais Emília Amaral exemplifica no livro didático. Para Bagno (2007) isso ocorre porque as pessoas ainda têm a visão de uma língua unificada sobre o português.

Além disso, no livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* de Bagno, o autor utiliza o seguinte quadro:

Quadro 1 - quadro de evolução de alguns vocábulos

PORTUGUÊS PADRÃO		ETIMOLOGIA	ORIGEM
branco	>	blank	germânico
brando	>	blandu	latim
cravo	>	clavu	latim
dobro	>	duplu	latim
escravo	>	sclavu	latim
fraco	>	flaccu	latim
frouxo	>	fluxu	latim
grude	>	gluten	latim
obrigar	>	obligare	latim
praga	>	plaga	latim
prata	>	plata	provençal
prega	>	plica	latim

Fonte: BAGNO, Marcos. 2007, p. 41.

Por meio deste exemplo o autor afirma que pela “visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais [...] é tremendamente estigmatizada” complementando, ainda, que “às vezes é considerada até como um sinal do ‘atraso mental’ das pessoas que falam assim.” (BAGNO, 2007, p. 40). Portanto, utiliza os vocábulos do quadro acima para explicar que tal ocorrência nada mais é que “um *fenômeno fonético* que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão.” (BAGNO, 2007, p. 40. Grifo do autor).

A partir das ideias expostas por Bagno podemos notar a relevância de trabalhar os aspectos da variação linguística no livro didático e, principalmente, do quanto esta abordagem não é suficiente para o público ao qual está direcionado.

Na página 168 há outro diálogo, este retrata a inadequação linguística através de uma curta conversa entre cozinheiro e fregueses. Na situação, um dos fregueses se dirige ao cozinheiro de maneira exagerada e desnecessariamente formal, impossibilitando a compreensão de quem se encontra ao redor e, conseqüentemente, do próprio cozinheiro:

Freguês 1: “– Tenho uma pergunta filosófica, cozinheiro! Quem foi o deletério que engendrou esta massa pútrida e repelente”

O cozinheiro, então, questiona a outro freguês “– Ele me insultou?”. E tem como resposta “– Não que você saiba.”.

A partir deste diálogo é possível analisar com os alunos que, além da nossa língua não ser homogênea, faz-se importante adequar a aplicação da mesma de acordo com a ocasião. É importante que os jovens saibam que a forma coloquial também possui sua funcionalidade e não pode ser caracterizada como “falar errado”.

O diálogo da página 168 retrata a questão da inadequação linguística, por isso é aconselhável que o professor trabalhe o assunto com os alunos de forma participativa, porque deixar que os estudantes analisem por conta única da leitura, pode interferir na compreensão integral do que sugere a explicação do tema. É favorável que isso aconteça, pois na maioria das vezes o material didático não é utilizado com a devida atenção por parte dos estudantes.

Utilizando a adequação e inadequação linguística como exemplo, é relevante lembrar a importância da flexibilidade da língua, pois existem inúmeras realidades de vida, diferentes sociedades, culturas, classes sociais, famílias, situações, etc. Assim como existem roupas, objetos, instrumentos, adereços e comportamentos apropriados para cada ocasião, com a linguagem não é diferente.

Não seria apropriado, por exemplo, um jogador de futebol utilizar a norma culta na hora do jogo, isso provavelmente dificultaria a comunicação entre eles e afetaria o desenvolvimento da atividade. Certamente não significa que um jogador não pode conhecer ou utilizar uma linguagem rebuscada, mas implica em saber que é importante e favorável que escolha a maneira de se comunicar de acordo com a

situação em que se encontra, considerando também o receptor ou receptores da mensagem.

Além disso, o vocabulário diferente usado entre o emissor e o receptor certamente não terá bons resultados. Para que a comunicação efetivamente exista, é necessária a escolha adequada do nível de linguagem a ser utilizado. A língua permite uma multiplicidade de usos dependendo das situações comunicacionais. Desse modo, o conhecimento das variantes linguísticas determina a eficácia dessa comunicação. Muitas vezes a comunicação não ocorre ou ocorre com resultados ruins pelo uso de palavras inadequadas (PIMENTA, 2002).

Acerca da adequação, o livro apresenta explicações e exemplos de forma clara, o que é importante para a introdução de um tema tão abrangente como as variações. Baseando, a princípio, nas palavras do próprio livro, o professor pode correlacionar os fenômenos variacionais linguísticos com aspectos sociais e políticos.

De modo geral, o que foi abordado sobre variedade linguística e as características que as acompanham ainda parece superficial, pois não foi aprofundado o tema. O que contém nas unidades gramaticais sobre as variedades da fala, ainda não compreende a pluralidade linguística brasileira.

Ao longo dos demais capítulos e conteúdos presentes no livro didático, dentro da gramática, os regionalismos encontrados foram da região Sudeste e falas características do interior de modo amplo, muitas delas utilizadas na linguagem coloquial.

Além de tratar das variadas formas de utilizar a língua na fala, o material também aborda, mesmo que de maneira breve, o modo como devem ser aplicadas as variações da língua. Isto é, exemplificando as situações em que cada modo de falar é adequado. Apesar de não ser uma explicação extensa, é satisfatória para a compreensão dos estudantes acerca do que é a adequação linguística.

É fundamental trabalhar com um livro didático que possibilite o estudo da variação da língua, pois ela está em constante mudança. O aluno precisa pensar e praticar uma boa comunicação, em qualquer situação que estiver, ele deve saber qual a maneira correta de empregar a língua portuguesa, podendo ser mais formal ou informal, a depender da ocasião.

Dessa maneira, na comunicação a interação tem que ser mútua, ou seja, deve haver o entendimento de ambas as partes. Os textos usados no ato comunicativo

devem propiciar que o aluno realmente entenda o que se pede dele, além de levá-lo a refletir e se posicionar diante do assunto discutido. As discussões em sala de aula contribuem para a reflexão crítica e a tomada de decisões por parte dos discentes que precisam formar opiniões críticas sobre determinados conteúdos.

Quanto à abordagem sobre a gramática e as possibilidades de uso da língua, é aconselhável que o professor tenha a iniciativa de debater com as turmas não só as regras de escrita e pontuação, mas ressaltar que na comunicação o uso da gramática normativa é facultativo, pois o importante em um diálogo é que a comunicação e o entendimento de ambas as partes sejam alcançados.

Através da busca realizada no livro didático, foi possível constatar que a gramática normativa ocupa maior espaço e destaque em relação à abordagem das variações linguísticas. É válido ressaltar que no material didático do 1º ano do ensino médio a variedade linguística foi exposta e estudada; utilizando-se, inclusive, de exemplos por meio de diálogos e explicações sucintas.

Porém, o conteúdo que abrange esta área linguística foi aplicado de maneira muito breve, pois não contemplou de forma considerável as variações linguísticas que compõem a realidade brasileira.

É notório que a norma culta é muito valorizada, enquanto outras variedades linguísticas não recebem tanta relevância. A questão é que quando se trata da escrita, existe um padrão de normas a seguir, e quando estas normas predominam no conteúdo programático escolar a “liberdade” presente na fala acaba sendo afetada.

Ou seja, a exposição da versatilidade que pode advir da fala em materiais de cunho didático, como percebe-se nos livros utilizados para análise, é insuficiente. Assim sendo, a norma padrão é priorizada e acaba sendo, de forma equivocada, vista como a única maneira de realizar a língua.

Quando se tem esta visão distorcida sobre a língua, os modos de fala distintos da forma padrão passam a ser depreciados e alvos de conclusões superficiais, que dão forma ao preconceito linguístico. Preconceito, inclusive, que ultrapassa do âmbito linguístico para uma esfera mais ampla e, provavelmente, discriminatória.

Apesar de a escola abordar com ênfase a norma culta, ela contribui e pode contribuir ainda mais para a formação do indivíduo, quando os professores trazem para a sala de aula conteúdos que refletem sobre todos os tipos de preconceito, não só o preconceito linguístico, mas as discriminações sociais, entre outras abordagens.

O ambiente educacional pode proporcionar condições de aprender, desvinculado aos interesses políticos das classes dominantes para dar lugar à política das diferenças, ou seja, valorizar os marginalizados e não excluí-los, pois quando a expressão “falar errado” ecoa entre os indivíduos, podemos identificar que gera preconceito linguístico. É possível adentrar esta temática utilizando obras literárias características, como por exemplo “Vidas secas” de Graciliano Ramos, “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto e “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa. São narrativas que expressam a realidade de vida no contexto nordestino e que podem ser abordadas para complementar o estudo dessa variação.

23

Portanto, é de suma importância que a escola, com apoio do material didático, trabalhe a respeito da pluralidade da língua portuguesa e considere-a como componente flexível do processo de comunicação; refletindo e contribuindo para a formação escolar e pessoal do aluno, expandindo sua bagagem intelectual e cultural a partir da língua.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adalberto de Oliveira. **Um estudo sobre o direito fundamental à educação de crianças e adolescentes**. Itaju do Colônia-BA, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br>> Acesso em: 22 maio 2018.

24

AMARAL, Emília. et al. **Novas Palavras**: 1º ano. 2ª Ed. São Paulo: FTD, 2013.

ANDRADE, Karen Alves de; STORTO, Letícia Jovelina. **As concepções de linguagem nos livros didáticos de língua portuguesa**. 2016. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/>>. Acesso em: 12 maio 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARROS, Adriana Lúcia Escobar Chaves de; CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother. Sociolinguística: Variação e mudança na língua falada e escrita. Alto Araguaia: **Revista Avepalavra**, 2015.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 19. ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2000.

DIÓZ, Renê. **Linguajar cuiabano é tombado como patrimônio imaterial de Mato Grosso**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/05/linguajar-cuiabano-e-tombado-com-o-patrimonio-imaterial-de-mato-grosso.html/>>. Acesso em: 19, Jun, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 1.ed. São Caetano do Sul: Difusão, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KLEIN, Cristina. **Minigramática da língua portuguesa ilustrada**. 2.ed. São Paulo: Rideel, 2014.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P.Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

25

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 1972.

MARIANI, Bethania. **Colonização Linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. 3.ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1971.

MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; VILANOVA, R. **O Livro Didático de Ciências: contextos de Exigências, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

MAYER, Verônica Feder ; MARIANO, Sandra Regina Holanda ; ANDRADE, Carla L.T. Percepção de Preço e Valor no Mercado de Distribuição de Energia Elétrica: Proposta de um Modelo Conceitual. In: **XXXIII Encontro da ANPAD - EnANPAD**. São Paulo: EnANPAD, 2009.

MC-CLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Graduação (Letras). Santa Catarina: UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE_Sociolinguistica.pdf>. Acesso em: 22, Maio, 2017.

PAUL, Hermann. **Princípios Fundamentais da História da Língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Variação Linguística – a língua em movimento**. 2017. Disponível em: <<http://portugues.uol.com.br/redacao/variacao-linguistica-lingua-movimento.html/>>. Acesso em: 20, Maio, 2017.

PERINI, Mário A. **Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini.** Vol. 8, n. 14. Minas Gerais: ReVEL, 2010.

PIMENTA, Maria Alzira. **Comunicação Empresarial: Conceitos e Técnicas para Administradores.** Campinas: Alínea, 2002.

26

POSSENTI, S. **Porque (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: ALB Mercado de Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **Confrontos de civilizações: Somos povos novos, cuja tarefa é reinventar o humano.** 1995. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/05/mais!/9.html>>. Acesso em: 20 Maio 2017.

ROBBINS, S. P. **Fundamentos do comportamento organizacional.** Tradução técnica Reynaldo Marcondes. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

SACCHET, Rosana; WOLKMANN, Pedro; TONI, Deonir de. **Comunicação Estratégica.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo; Cultrix, 1975.

SOUZA, Antonio Escandiel de; PAUTZ, Sílvia . **A diversidade linguística no contexto escolar.** 2017. Disponível em:
http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/07_L&C_1S/L&C1s07_Antonio.pdf/> . Acesso em: 12 Maio 2017.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.